

Por que as mulheres menstruam

A teoria da evolução demonstrou que os organismos se adaptam não só por meio das alterações de tamanho e de forma, mas também no ajustamento de suas funções psicofisiológicas, condizentes com o ambiente e com a energia disponíveis para a realização de diferentes atividades, como alimentação, crescimento e reprodução.

Através dos tempos, cada mecanismo de ajuste foi gradualmente adaptado para resolver um problema cujo objetivo era a sobrevivência da espécie. A reprodução, a alimentação, a manutenção da vida no tempo e no espaço foram a essência da luta para a maioria das criaturas. Mas, as armas da sobrevivência não foram somente garras, dentes e músculos. Os padrões de reprodução, como o ciclo estral e a gestação interna, talvez tenham sido mais importantes.

Estas e outras inúmeras inovações e adaptações contribuíram com maior ou menor efetividade para a sobrevivência do gênero humano. No entanto, diante de recentes procedimentos que recomendam a supressão das menstruações com finalidades terapêuticas, é mister que se façam algumas observações sobre os fenômenos biopsicossociais do ciclo sexual e das menstruações.

O estabelecimento dos ciclos sexuais nos primatas foi solução indispensável para sua perpetuação. Alimentados e retroalimentados por secreções glandulares, estão associados à procura de alimentos, fornecedores de energia necessária para as funções de gestação, parto e aleitamento.

A seleção natural pode ser definida como a capacidade de sobrevivência lenta, cumulativa, gradual de variantes surgidas aleatoriamente. Toda a geração animal é uma “peneira de genes” que conduz à evolução no sentido do aperfeiçoamento.

Assim, compreende-se que estruturas anatômicas e funções fisiológicas mal projetadas ou desnecessárias desapareceram.

A explicação mais coerente desse fenômeno é que, no contexto biológico, as estruturas anátomo-fisiológicas ocupam espaços e consomem energia que os organismos animais têm em quantidades limitadas. Assim, as mutações que eliminam estruturas ou funções que se tornaram inúteis para a sobrevivência exercem efeito positivo, pois livram espaço e energia que serão empregados em outras estruturas de maior utilidade. Por exemplo: um primata, ao perder o rabo, pode destinar o espaço e a energia livres em benefício de um cérebro maior e assim obterá mais vantagens com seu novo, mais volumoso e útil cérebro do que com seu perdido e inútil rabo.

Considerável porção do comportamento humano é regulada por secreções do hipotálamo, da hipófise e das gônadas, entre outras glândulas, as quais são moduladas pelo meio ambiente interno e externo, pelo tipo de relações emocionais, sociais e culturais. Portanto, os ciclos sexuais, ativados por estímulos que chegam às centrais glandulares retroreguladas, não foram até agora abolidos por serem essenciais à perpetuação da espécie e por participarem em inúmeros e profundos envoltimentos psicofisiológicos e emocionais.

Além disso, a abolição das menstruações sob a justificativa de que elas são perdas sanguíneas inúteis causadoras de anemia não encontra explicações filogenéticas. Se a energia perdida mensalmente fosse uma desvantagem evolutiva, o fluxo menstrual estabelecido nos primatas há milhões de anos já teria sido substituído por um metabolismo energeticamente mais econômico.

Em verdade, as mulheres perdem muito mais material biologicamente avaliável nas fezes diárias do que na descamação mensal do endométrio.

Enfim, pode-se afirmar que existe uma certa correlação entre as variações hormonais do ciclo estral e as manifestações psicodinâmicas libidinais. E que, paralelamente e correlacionado com o ciclo hormonal, existe um ciclo emocional. Não obstante seria um erro deduzir-se que as alterações hormonais são responsáveis por todas as tensões psíquicas da mulher. E que a capacidade de amar, maternar, exercer a criatividade intelectual e a interatividade familiar e social dependem dos hormônios sexuais. Estes atributos básicos femininos estão presentes antes do amadurecimento das funções gonadais e não se ausentam após o declínio da produção hormonal que ocorre no climatério pós-menopausa.

FRANKLIN CUNHA
TEGO 256/69

III CONSENSO BRASILEIRO NO MANEJO DA ASMA

No vol. 46, nº 3 e 4, não foram mencionados os créditos referentes à publicação do III Consenso Brasileiro no Manejo da Asma, lançado pelas Sociedades Brasileiras das especialidades ligadas à assistência da Asma (Sociedade Brasileira de Pneumologia e Tisiologia, Sociedade Brasileira de Pediatria, Sociedade Brasileira de Alergia e Imunopatologia) e pela Sociedade Brasileira de Clínica Médica.

Os coordenadores do III Consenso Brasileiro no Manejo da Asma foram: Carlos César Fritscher, Dirceu Sole e Néelson Rosário. Os editores foram: Jussara Fiterman, Antônio Carlos Pastorino e Luiz Fernando F. Pereira. Os colaboradores foram: Alfeu Tavares França, Álvaro Cruz, Ana Luiza Godoy Fernandes, Antônio Carlos Lopes, Charles Kirov Naspitz, Emanuel Sarinho, Emílio Pizzichini, Fabiane Kahan, Fábio F. Morato Castro, Francisco José Caldeiras Reis, José Dirceu Ribeiro, José Bullos Seba, José Roberto Lapa e Silva, Nelson Figueiredo Mendes, Renato Tetelbom Stein, Walfrido da Cunha Antunes e Wilson Tartuce Aun.